



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS E MATEMÁTICAS – MESTRADO PROFISSIONAL

A EDUCAÇÃO DO OLHAR PARA AS QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS NA
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

ADRIANA SILVA CARVALHO DA COSTA

Belém, agosto de 2024

ADRIANA SILVA CARVALHO DA COSTA

A EDUCAÇÃO DO OLHAR PARA AS QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS
NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Texto apresentado como requisito para defesa no Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Docência em Educação em Ciências e Matemáticas do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^a Dr^a Elinete Oliveira Raposo.

Área de Concentração: Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores de Ciências e Matemática.

Linha de Pesquisa: Formação de professores para o ensino de Ciências e Matemática.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser meu Criador e Mantenedor.

Ao meu esposo Marinaldo Costa, que não me deixou desistir e segurou na minha mão quando pensei que não mais conseguiria seguir.

À Profª Drª Elinete Raposo, por tanta sensibilidade e por me convidar e me desafiar a ver o que ela já enxerga há muito tempo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Docência em Educação em Ciências e Matemática – Mestrado Profissional – PPGDOC/UFPA.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que permitiu a realização deste trabalho.

A todos que, de algum modo, fizeram parte de minha trajetória e que torceram por mim.

GRATIDÃO!

Dedicatória

Com amor, aos meus filhos, Gabriel, Gustavo e Giovana, que, com seus olhares curiosos e questionadores, não me deixam esquecer da poética da vida.

EPÍGRAFE

A primeira tarefa da educação é ensinar a ver. É através dos olhos que as crianças tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo. Os olhos têm de ser educados para que nossa alegria aumente.

Quero ensinar as crianças. Elas ainda têm olhos encantados. Para as crianças, tudo é espantoso: um ovo, uma minhoca, uma concha de caramujo, o voo dos urubus, os pulos dos gafanhotos, uma pipa no céu, um pião na terra. Coisas que os eruditos não veem. Na escola, eu aprendi complicadas classificações botânicas, taxonomias, nomes latinos — mas esqueci. Porém, nenhum professor jamais chamou minha atenção para a beleza de uma árvore... ou para o curioso das simetrias das folhas. Parece que, naquele tempo, as escolas estavam mais preocupadas em fazer com que os alunos decorassem palavras do que com a realidade para a qual elas apontam.

As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos. Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem... O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido. Quando a gente abre os olhos, abrem-se as janelas do corpo, e o mundo aparece refletido dentro da gente. São as crianças que, sem falar, nos ensinam as razões para viver. Elas não têm saberes a transmitir. No entanto, elas sabem o essencial da vida.

Quem não muda sua maneira adulta de ver e sentir e não se torna como criança, jamais será sábio.

Rubem Alves

RESUMO

Com o objetivo de incluir as questões socioambientais na formação inicial de professores no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia e de discutir a educação do olhar, utilizamos a fotografia como instrumento didático e de sensibilização nesta pesquisa. A fotografia atuou como um meio pelo qual, durante a formação, os alunos tiveram a oportunidade de refletir, analisar e ampliar sua visão sobre a urgência dos debates socioambientais no contexto escolar.

Para contribuir com a ampliação e efetivação dessas discussões, apresentamos como produto educacional um E-BOOK, que tem como proposta ser uma ferramenta pedagógica para docentes na abordagem de questões socioambientais a serem aplicadas no âmbito escolar. Os participantes desta pesquisa são acadêmicos do do curso de Pedagogia de uma faculdade particular, localizada em Benevides, no estado do Pará.

A pesquisa em desenvolvimento possui uma abordagem qualitativa e alicerça-se no contexto da pesquisa-ação. Os dados foram analisados mediante Análise Textual Discursiva (ATD). O referencial teórico compõe-se de uma revisão bibliográfica sobre as questões socioambientais na formação de professores e sobre a importância da educação do olhar.

Para a construção dos dados da pesquisa, foi utilizado um questionário, resultante do processo formativo. O objetivo desta pesquisa é contribuir para uma formação inicial de professores voltada para a educação do olhar sobre as questões socioambientais.

Palavras-chave: Formação inicial de professores; Educação do olhar; Questões socioambientais; Fotografia.

ABSTRACT

In order to include socio-environmental issues in the initial training of teachers on Pedagogy degree courses and to discuss the education of the gaze, we used photography as a didactic and awareness-raising tool in this research. Photography acted as a means by which students had the opportunity to ponder, analyze and broaden their view of the urgency of socio-environmental debates in school contexts.

To help expand and make these discussions more effective, we introduce an e-book as educational product, which is meant to be a pedagogical tool for teachers in addressing socio-environmental issues to be applied in schools. The participants in this investigation are Pedagogy undergraduate students at a private college located in Benevides, in the state of Pará, Brazil.

The present study has a qualitative approach and is based on action research. Data was analyzed using Textual Discourse Analysis (TDA). Its theoretical framework consists of a literature review on socio-environmental issues related to teacher training and the importance of educating the gaze.

A questionnaire resulting from the training process was used to compile the research data. The intention of this work is to contribute to initial teacher training focused on educating the gaze towards socio-environmental issues.

Keywords: Initial teacher training; Education of the gaze; Socio-environmental issues; Photography.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL NO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.....	12
3 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DO OLHAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.....	19
4 A FOTOGRAFIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL	27
5 PERCURSO METODOLÓGICO.....	31
5.2 Delineamento da pesquisa.....	31
5.3 Análise Textual Discursiva.....	35
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	37
6.1 Categorias	37
7 REFLEXÕES, POSSIBILIDADES E CONSTATAÇÕES	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS 50	

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de tantas desigualdades sociais e desrespeito aos limites do meio ambiente, torna-se indispensável a abordagem de temáticas relacionadas às questões socioambientais. É cada vez mais perceptível que dificuldades encontradas nas relações entre homem e meio ambiente devem muito às relações humanas de forma geral, que se encontram cada vez mais fragilizadas e desarmônicas e refletem no ambiente pela degradação. Os impactos ambientais vão além da poluição, das mudanças climáticas, da diminuição da biodiversidade: a sociedade vem apresentando sintomas de um modelo desenvolvimentista predatório e desmedido, como exclusão social, consumismo e perda de qualidade de vida (Dias, 2000).

As instituições de formação inicial do professor são espaços que devem proporcionar a abertura para novos conhecimentos, oportunizando a inserção de novos olhares, proporcionando relações dialógicas entre os sujeitos a fim de que novos valores, olhares e ações possam surgir e possibilitar (re)interpretações das situações vividas com vistas ao surgimento de mudanças no meio ambiente.

Se desejamos mudanças significativas, é fundamental contribuirmos para a formação de sujeitos capazes de ampliar os espaços de participação na tomada de decisão de nossos problemas socioambientais. Para isso, o professor em formação inicial precisa compreender seu papel na educação dentro deste contexto, que se mostra bastante desafiador. Dessa maneira, torna-se necessária a problematização da realidade vivida, a fim de que possamos transformar nosso olhar e concepções sobre esta realidade mediatizados pelo diálogo. De acordo com Freire (1987, p. 68), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo”.

O momento atual exige uma reflexão a partir de saberes e práticas coletivas que abrangem identidades e valores em comum diante desta realidade, que não existe por acaso e não se transformará por acaso, sendo importante o diálogo entre os saberes para que possamos alcançar as transformações desejadas. Para tanto, torna-se imprescindível, nesta proposta, uma discussão sobre a importância da educação do olhar diante das questões socioambientais. Taylor (1997) informa que para compreender o mundo contemporâneo, deve-se fazer um exercício de restauração. Vivemos em tempos de descartabilidade. Descartamos tudo: bens de consumo, ideias, amizades, inclusive pessoas. Quando deixamos de ter a sensibilidade em relação ao ser humano,

passamos a não mais entendê-lo, pois deixamos de olhar a ele. E, ao perdermos esse meio de comunicação pelo olhar, vários outros aspectos entram em crise, como relacionamentos, afetividade, o respeito, o amor, a humildade e a própria observação sobre as coisas ao nosso redor.

A educação do olhar para a formação humana mostra-se urgente diante do agravamento da crise dos valores que atingem a sociedade, requerendo de nós, professores, uma observação intencional para reagirmos à dura realidade na qual existimos e estamos vivendo. O que é observar? Chauí (1988, p. 49) afirma que é o “olhar atento de quem quer ver”. Não existe um olhar ou discurso neutro sobre a realidade. Nosso olhar, imerso numa dinâmica de valores, símbolos e crenças, está sempre recriando a realidade e marcará sua própria percepção a partir daquilo que nos propusemos a transformar. É diante disso que se tornam necessárias escolhas de estratégias metodológicas que contemplem a educação do olhar, pois elas são importantes para a tomada de decisão diante das mais diversas problemáticas que fazem parte da realidade.

Neste sentido, uma das propostas desta pesquisa é a de contribuir com a educação do olhar trazendo a fotografia como possibilidade metodológica. A fotografia é pouco trabalhada em educação, porém bastante empregada em estudos e pesquisas antropológicas. O uso da fotografia em sala de aula permite que coisas esquecidas ou nunca vistas sejam percebidas, ajudando o sujeito a elevar sua racionalidade e para um olhar multifacetado, que vai além da imagem cristalizada que se tem naquele momento. A gravidade sobre as questões socioambientais, conforme pontua Justo (2003, p. 181), ao discutir a potencialidade da fotografia para o trabalho educativo, propicia o exercício de “um olhar mais atento para aquilo que nos rodeia.”

A fotografia pode apontar reflexões, auxiliar a perguntar e ser provocadora de alguns questionamentos. A utilização da fotografia no processo educativo pode fazer com que a percepção da imagem capturada expresse mais do que apenas a estética. Além disso, Barthes (1984, p. 48) a coloca como perigosa quando assume determinadas funções, como “informar, representar, surpreender e ressignificar”.

Quando propomos aqui a fotografia na abordagem das questões socioambientais, consideramos que esta metodologia favorece o saber coletivo e considera a visão de mundo do outro como parte importante na edificação do saber. Quando o sujeito captura a imagem, esta, por sua vez, ressoa de algum modo no seu íntimo. E, assim, a colocação do significado dessa imagem no processo de formação inicial permite que haja troca de

conhecimentos, e o que é dito pelo outro contribui significativamente para a construção de novos olhares.

Justo (2003) afirma que uma oficina de fotografia e a disponibilidade para se trabalhar a noção de pertencimento do grupo facilitam a escuta entre os participantes e permitem que eles desenvolvam o seu olhar, direcionando-os para o respeito de diferentes pontos de vista. Tal sentimento de pertencimento é fundamental ao se trabalhar as questões socioambientais, pois o pertencer exige uma promoção identitária. Devemos nos unir e separarmo-nos do meio a fim de um favorecimento ao exercício de alteridade, além de possibilitar uma relação dialógica entre os sujeitos e o ambiente.

Inserida na linha de pesquisa de formação de professores para o ensino de ciências e matemática, procuramos responder o seguinte questionamento: **Quais percepções os professores em formação inicial, da licenciatura de Pedagogia, apresentam em relação à importância do ensino das questões socioambientais?**

Para alcance da questão apresentada, traçamos como objetivo geral deste trabalho:

- Contribuir para a educação do olhar dos professores em formação inicial quanto às questões socioambientais a partir da fotografia.

Estabelecemos como objetivos específicos:

- Analisar a importância da educação do olhar na formação inicial;
- Compreender a necessidade da abordagem das temáticas socioambientais de professores em formação inicial;
- Apresentar sugestões metodológicas para abordagem de temas socioambientais mediados pela fotografia, com a criação de um produto educacional.

Diante dos objetivos apresentados acima, esta é uma pesquisa de natureza aplicada, ou seja, pretende gerar conhecimentos para aplicação prática que envolva interesses locais. É de abordagem qualitativa, pois possui como especificidade o estudo do comportamento humano e social, além de estabelecer uma relação ativa entre o mundo real e o sujeito (Chizzotti, 1995) e a busca de um olhar pelo processo, e não apenas focada no resultado (Trivinos, 1987). Ela configura-se como uma pesquisa-ação. Podemos afirmar que é um tipo de pesquisa social, com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo, e na qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1997).

Os dados nesta pesquisa foram analisados mediante a Análise Textual Discursiva

(ATD), que é uma metodologia qualitativa de análise de dados e informações, e que tem como objetivo produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos. A ATD baseia-se na compreensão e interpretação dos textos, levando em consideração o contexto em que foram produzidos e os significados que lhes atribuímos. A metodologia envolve etapas como a análise prévia, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação dos dados.

Como produto educacional resultante desta pesquisa, objetivamos disponibilizar aos professores sugestões de metodologias voltadas à temática socioambiental por meio de fotografias. Assim, justifica-se a relevância deste trabalho, porque propomos uma reflexão-ação em torno das questões socioambientais e através da educação do olhar por meio da fotografia, em um curso de licenciatura onde há pouco espaço no currículo para estudo desta temática.

Essa pesquisa está estruturada em 7 seções. A seção 01 versa sobre a apresentação da pesquisa. A seção 02 explana sobre a “Educação Socioambiental no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia”. A seção 03 aborda “a importância do olhar na formação de professores: desafios e possibilidades”. A seção 04 apresenta “A fotografia no contexto educacional”. A seção 05 mostra o percurso metodológico da pesquisa. Na seção 06 são encontrados os dados e seu tratamento por meio da Análise Textual Discursiva (ATD). Na seção 07 estão as “reflexões, possibilidades e constatações. Por fim, há as referências que serviram de embasamento teórico.

2 EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL NO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

A formação inicial de professores é um período crucial para o desenvolvimento de competências pedagógicas e a construção de uma identidade profissional sólida. Um dos consensos que existem na área da educação é sobre a importância de uma formação docente de qualidade. Tal debate é importante para que sejam possibilitadas reflexões, tendo em vista que novas concepções sociais, políticas e ambientais adentram e interferem no contexto educacional.

O tema da educação socioambiental, embora inserido na formação de professores de licenciatura em Pedagogia por documentos legais, ainda é um desafio a ser desenvolvido de maneira que capacite o futuro professor a lidar com habilidades necessárias para enfrentar as diversas demandas no cenário educacional.

A inclusão desse tema nos currículos de formação docente é respaldada por documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatizam a importância de se preparar os futuros professores para abordarem questões socioambientais de modo integrado e contextualizado. No entanto, a implementação prática da educação socioambiental na formação de professores de Pedagogia ainda enfrenta muitas barreiras para se tornar efetiva e transformadora. Para Nóvoa (2017),

não pode haver boa formação de professores se a profissão estiver fragilizada, enfraquecida. Mas também não pode haver uma profissão forte se a formação de professores for desvalorizada e reduzida apenas ao domínio das disciplinas a ensinar ou das técnicas pedagógicas (p. 1131).

A qualidade de ensino nas instituições brasileiras tem sido objeto de preocupação, pois elas visam à melhoria dos resultados obtidos em avaliações externas, como o PISA (2022), que indicou um decréscimo na área de ciências, leitura e matemática.

A análise dos resultados apresentados torna-se um convite para repensar e questionar sobre como ocorre o processo formativo inicial do professor. Repousa sobre o professor a responsabilidade de uma educação com vistas a uma cidadania consciente, e essa discussão é importante porque a crise socioambiental com que nos deparamos envolve fragilidades na relação entre ser humano, natureza e sociedade, e ela é evidenciada também, intensamente, na educação.

Para Morales (2009, p. 23), a educação é vista como um dos processos do

desenvolvimento humano que têm influência sobre as mudanças de mentalidades, bem como sobre a formação de novas identidades sociais. Nessa perspectiva, a influência na formação do professor é imensa, pois esta pode impossibilitar ou ampliar a abordagem das questões socioambientais nos espaços escolares. Em razão disso, torna-se urgente que haja mais momentos para as discussões sobre o processo de formação voltados para essa abordagem, pois não há como promover o ensino de conhecimentos que não se domina, e não há como promover incentivos de mudanças atitudinais se não houver uma compreensão clara da importância das questões socioambientais para a construção de uma educação que fomente a cidadania ativa e a sustentabilidade. Portanto, é imprescindível que a formação dos futuros professores inclua uma reflexão crítica sobre essas questões, integrando-as de forma transversal nas práticas pedagógicas.

É preciso que a formação docente ofereça a oportunidade para que o percurso da aprendizagem seja de qualidade para formar professores com conhecimentos pautados nas questões socioambientais por meio da ação-reflexão, entendendo-se que o foco na formação de um professor reflexivo é tão necessário — afinal, uma boa formação de professores constitui o ponto principal a partir do qual é possível reverter a qualidade da educação e, dessa forma, torna-se mais fácil existirem situações de engajamento em prol de uma educação socioambiental.

A formação identitária desse professor como promotor de mudanças socioambientais precisa ser constantemente trabalhada, pois sua desvalorização, além da imagem pouco atraente do “ser professor”, tem levado muitos a desistirem das licenciaturas, tornando-se estas as últimas opções de escolha na maioria dos casos. Tal identidade fragilizada pode ser reflexo de um fenômeno complexo, multifacetado e influenciado por distintos fatores sociais, políticos, econômicos e de mudanças significativas no campo da educação. A desvalorização da profissão, que tem ocasionado esse desinteresse pela docência, pode ser traduzida por baixos salários, condições de trabalhos precários, falta de reconhecimento social e apoio institucional, levando à falta de motivação e ao desinteresse.

A sobrecarga de trabalho advindo de reformas educacionais, como quantidade de alunos por turmas, diversidade de necessidades educacionais especiais em uma mesma sala, bem como demandas educacionais com burocracia excessiva têm feito com que a imagem do docente seja associada à de um profissional com exaustão física e emocional, e com comprometimento de sua autoestima e autoeficácia. Outro fator que tem levado à perda de interesse em ser professor pode estar na própria natureza do

fazer docente. Há uma consciência de que essa profissão mudou nas últimas décadas. Hoje, ser professor está associado à ideia de ensinar em um contexto em que as expectativas crescentes acerca do trabalho promovem insegurança.

Muitas dessas inseguranças são decorrentes da falta de diálogo dos docentes e da população por eles atendida e/ou com a equipe administrativa da escola em que lecionam. Quando não há clareza do que o professor precisa desenvolver com os seus alunos, podem ocorrer cobranças. Essas cobranças excessivas sobre o seu modo de trabalhar devem ser quebradas principalmente por intermédio de diálogos. Diante de tantas cobranças, o educador reage ao elaborar novos projetos, assumir atividades extracurriculares e organizar uma série de compromissos com a intenção de chamar atenção para a qualidade do seu trabalho, levando tudo isso para fora da sala de aula e gerando em si uma sobrecarga.

As mudanças nas práticas educacionais estão passando por uma transformação significativa, impulsionada pelas tecnologias digitais e pela inserção da inteligência artificial no ambiente de ensino. Este novo cenário exige dos professores o desenvolvimento de habilidades e competências que, muitas vezes, estão fora de sua formação inicial. A adaptação às novas exigências pode ser um processo complexo, pois demanda não somente o domínio técnico dessas ferramentas, mas uma compreensão profunda de como integrá-las de maneira eficaz ao currículo e à dinâmica pedagógica.

Muitos professores, ao se depararem com essas mudanças, sentem-se inseguros e desafiados, o que impacta diretamente em sua identidade profissional e autoconfiança. Tal insegurança pode ser exacerbada pela falta de apoio institucional e pela pressão para se manter atualizado em um campo que evolui rapidamente. A sensação de inadequação perante as novas demandas tecnológicas pode ocasionar um desgaste emocional, afetando a motivação e o engajamento dos educadores em sua prática diária.

Além das mudanças tecnológicas, os professores também enfrentam desafios relacionados às questões socioemocionais de seus alunos. Problemas como saúde mental, violência, pobreza extrema e instabilidade familiar são realidades que permeiam o ambiente escolar e afetam profundamente o processo de ensino e de aprendizagem. Nesses contextos, o docente muitas vezes é chamado a desempenhar papéis que vão além do ensino, atuando como cuidador, mediador de conflitos e até mesmo como uma figura de suporte emocional para os educandos.

Esses desafios diários podem gerar altos níveis de estresse, contribuindo para um desgaste significativo na saúde mental dos professores. A constante necessidade de

equilibrar o papel de educador com o de cuidador pode abalar a identidade profissional e criar um sentimento de frustração e exaustão. Além disso, a falta de recursos e apoio adequado para lidar com essas situações pode agravar ainda mais o impacto emocional sobre os educadores, levando-os a um aumento do risco da síndrome de *burnout*.

É fundamental que as instituições de ensino e os sistemas educacionais como um todo reconheçam e abordem tais questões. Deve-se oferecer suporte contínuo e formação específica para que os professores desenvolvam as competências necessárias para lidar com as novas demandas tecnológicas e socioemocionais. Além disso, é importante criar um ambiente de trabalho que valorize o bem-estar dos educadores, proporcionando-lhes recursos e apoio para que possam desempenhar suas funções de maneira eficaz e sustentável. Somente assim será possível garantir uma educação de qualidade, que atenda às necessidades dos alunos e, ao mesmo tempo, preserve a saúde e o bem-estar dos professores.

A identidade docente tem sido fortemente abalada, e esta crise é um reflexo da complexidade e desafio enfrentados em um contexto educacional constantemente em transformação. Superar a dicotomia entre a importância do papel do professor na sociedade e a crise da identidade requer não apenas abordar questões sobre a valorização do educador e a melhoria de condições de trabalho, mas reconhecer e apoiar as necessidades emocionais e profissionais dos professores, promovendo uma cultura de respeito, reconhecimento e desenvolvimento profissional contínuo. Essa cultura pode vir a ser desenvolvida através da dialogicidade, colaboração e reflexão sobre o que está dando certo e o que precisa ser reavaliado.

A profissão docente não precisa ser solitária e nem precisa ser um campo de disputa, mas de respeito e alteridade; assim, as pressões externas não afetarão diretamente o trabalho interno. Tal ação colaborativa e dialógica precisa fazer-se presente para a (re)construção da identidade docente. De acordo com Nóvoa (2005, p. 153), “a construção de identidades profissionais passa pela comunicação entre as pessoas. São elas, em relação e em comunicação, que constroem novas identidades colectivas”. E Bauman (2005, p. 19) sugere que “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas à nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”.

O conflito entre as concepções dos demais sujeitos que atuam no contexto educacional, as próprias concepções docentes *versus* a relevância do seu trabalho, são questões conflituosas que podem interferir em alguns momentos da trajetória, mas

nenhuma dessas questões anula ou anulará a importância do trabalho docente. Diante desses fatores, entendemos que a abordagem de questões socioambientais no contexto da formação inicial deve ter como objetivo promover o diálogo e a compreensão de como ocorrem as relações entre sociedade e meio ambiente, visando à construção de uma sociedade mais sustentável e justa e à ênfase na relação entre aspectos sociais, econômicos e ambientais, reconhecendo que problemas ambientais muitas vezes estão ligados a questões de justiça social, desigualdade e pobreza. Além de fornecer conhecimentos científicos sobre ecossistemas e sustentabilidade, a educação voltada para as questões socioambientais deve incentivar a promoção de valores como solidariedade, respeito à diversidade, cooperação e responsabilidade socioambiental.

Um professor em formação inicial e que esteja imerso nesse contexto poderá compreender sua relevância no contexto social, pois, conforme Chalita (2002), a educação é uma força hegemônica para a estruturação de novos conceitos e, por conseguinte, novas práticas e costumes. E a escola, como espaço de educação formal, promove essa produção de valores a partir de bases científicas sistematizadas ao longo da história, o que legitima ainda mais seu papel no processo de formação cidadã.

Dessa forma, compreende-se que a formação de professores voltada para a educação socioambiental desempenha uma função crucial em tempos atuais, porque fornece ao professor indicativos de que sua missão é imprescindível e possui influência direta na consciência e engajamento dos alunos em questões socioambientais, promovendo reflexão e ações concretas em prol da sustentabilidade. Além disso, vivemos em um período em que questões ambientais estão cada vez mais presentes e urgentes, e uma formação que atenda a essas demandas contemporâneas contribuirá no preparo dos educadores para lidar com desafios ambientais emergentes, integrando tais questões em seus planos de ensino e em práticas educativas com vistas à ação.

Uma formação voltada às questões socioambientais não se limita apenas a transmissão de conhecimentos sobre o meio ambiente, mas visa ao desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico, tomada de decisão e engajamento social. Seria uma formação que faz com que o professor forme cidadãos conscientes, responsáveis, respeitosos e comprometidos com a justiça ambiental e a sustentabilidade.

Um educador ambiental tem o poder de inspirar mudanças individuais e coletivas para uma sociedade mais justa e sustentável. As instituições de ensino superior, ao incorporarem princípios e práticas de uma educação socioambiental na formação de professores, contribuem para uma nova geração de educadores comprometidos com um

futuro mais equitativo e harmonioso para todas as formas de vida do planeta.

Essa formação é essencial para o enfrentamento dos desafios socioambientais contemporâneos e para o preparo de gerações presentes e futuras viverem de modo mais sustentável e consciente. Além das vivências teóricas e práticas, é crucial que os espaços de formação inicial promovam ambientes de aprendizagem verdadeiramente colaborativos e que encorajem o pensamento crítico e a criatividade.

A sensibilização para as questões socioambientais precisa ir além de uma abordagem superficial, incentivando os futuros educadores a desenvolverem uma compreensão profunda das complexas inter-relações entre sociedade e meio ambiente. Isso inclui explorar temas como justiça ambiental, sustentabilidade, mudanças climáticas e seus impactos nas comunidades mais vulneráveis. Ao abordar tais questões de maneira crítica, os professores em formação estarão mais bem preparados para guiar seus futuros alunos em discussões que promovam a consciência cidadã e responsável.

Os espaços de formação também devem compor metodologias ativas que envolvam os professores em experiências práticas, como projetos de extensão, participação em comunidades escolares e ações voltadas para a resolução de problemas reais. Essas atividades podem ser realizadas em parceria com organizações não-governamentais, movimentos sociais e outras entidades que atuam na área socioambiental, proporcionando aos futuros docentes a oportunidade de vivenciar na prática os desafios e as complexidades de trabalhar com esses temas.

A autonomia docente, por sua vez, deve ser incentivada desde a formação inicial, com o objetivo de capacitar os professores a tomarem decisões pedagógicas fundamentadas, inovadoras e adaptadas às realidades dos seus estudantes e comunidades. Isso requer não somente o desenvolvimento de habilidades técnicas e metodológicas, mas também a promoção de uma postura reflexiva, onde os educadores sintam-se encorajados a questionar e redefinir suas práticas em busca de uma educação que realmente faça a diferença.

Por fim, é fundamental que a formação inicial contemple o desenvolvimento de valores éticos sólidos que guiem a prática docente em direção a uma educação que fomenta a equidade, o respeito às diferenças e a responsabilidade social e ambiental. Isso inclui o compromisso com a formação de cidadãos críticos e engajados, capazes de compreender e enfrentar os desafios socioambientais de maneira informada e consciente. Ao integrar esses elementos, a formação inicial colaborará na construção de uma educação socioambiental transformadora, que prepare os professores para serem

agentes de mudança em suas comunidades e na sociedade como um todo.

3 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DO OLHAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

A beleza existe em todo lugar. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade; depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar (Gadotti, 2003, p. 2).

Nesta seção será discutida a importância de uma aprendizagem essencial que por ora vem sendo esquecida: a educação do olhar. Dialogar sobre o olhar em uma pesquisa onde também apresentamos a importância de debates sobre questões socioambientais torna-se primordial: é preciso ensinar a olhar o que se vê ou sobre o que se apresenta, pois “aprendemos a olhar” quando refletimos sobre nosso modo de ver. É preciso o exercício do olhar para o desenvolvimento de um olhar mais crítico e reflexivo, pois entendemos que o olhar não se encontra apenas nos olhos, e que ele possui um poder transformador.

A educação do olhar é um conceito que se refere à capacidade de olhar, ver e perceber o mundo ao redor de forma crítica e reflexiva. Quando se fala em olhar, todo um léxico se apresenta: cosmovisão, ver, enxergar, mirar, observar, vislumbrar, todas palavras que abrem perspectivas de discussão. Aqui optamos por utilizar o conceito relacionado à educação do olhar como possibilidade de reflexão e mudanças. Acreditamos que a educação do olhar é possível para pensarmos na constituição dos modos de subjetivação através da conversão do olhar para si mesmo, na relação com os outros e com o meio ambiente, assim como esclarecem Ferraz e Fusari (1991, p. 76): “[...] ver é um exercício de construção perceptiva onde os elementos selecionados e o percurso visual podem ser educados [...]”. Fazenda (2014) reitera que só conseguimos ver o que está dentro de nós, que vemos o que somos, e que para ver é preciso ser. E, de acordo com Merleau-Ponty (1999, p. 16), “ao mesmo tempo é verdade que o mundo é o que vemos e que, contudo, precisamos aprender a vê-lo”.

A beleza do que se vê está dentro da alma. E o olhar é, para o ser humano, um dos meios mais eficientes de se aproximar do outro e de conquistá-lo. Portanto, esse exercício de educar especialmente o que está dentro de nós é uma necessidade. É fundamental redobramos os cuidados, pois, conforme Moura (2004, p. 31),

[...] o nosso olhar acostumou-se à intensa e rápida variação de imagens da televisão, à poluição visual de outdoors, propagandas, panfletos, revistas, cartazes... E justamente por estar [sic] acostumados e talvez não distinguirmos o quanto nossa percepção visual está associada à nossa percepção emocional,

[que] continuamos a construir nossa identidade e nosso cotidiano e sonhos a partir desses referenciais, que além de imporem padrões de vida (status econômico e social), também nos impõem padrões de ritmo de vida e de valorização da mesma.

Abrir os olhos não apenas para enxergar o que está posto, mas entender o que não deveria estar. Este é um grande desafio em tempos atuais. É importante lembrarmos que ver não é algo opcional. De modo geral, nascemos com essa habilidade, porém somos propensos a caminharmos de olhos fechados. Há coisas a nossa volta que nunca vimos, porque na realidade nunca olhamos. Quando no dia a dia andamos no piloto automático, nossos olhos parecem estar observando tudo, mas, na realidade, vemos menos do que poderíamos ver se estivéssemos com o olhar atento. A relevância de ver coisas de todos os ângulos não deve ser menosprezada quando falamos em educação. É necessário um esforço contínuo para vermos as coisas sob a perspectiva de outras pessoas, e isso ultrapassa o valor estético.

Na verdade, a capacidade de imaginar os pontos de vista, as reações e preocupações dos outros é uma das ferramentas cognitivas mais importantes que nós, humanos, possuímos, pois não só nos torna mais empáticos com os outros como também mais perspicazes quando lidamos com eles. Pensar nos diversos contextos a partir do olhar ajuda-nos a entender melhor, e, assim, passamos a agir com mais assertividade e empatia. A empatia não é o único benefício de se adotar a perspectiva de outra pessoa. Fazer isto também nos ajuda na resolução de problemas. Colocarmos no lugar de outra pessoa pode modificar nossa linha de pensamento, quando estamos muitas vezes sem saber como agir diante de determinadas situações.

Tão importante quanto ver as coisas do ponto de vista dos outros é assegurar que eles também tenham acesso ao nosso. Para isso, é importante saber chegar ao coração para alcance de mudanças intencionais. É bom frisar que nossa perspectiva pode mudar com o tempo, que ela não é fixa. Muitos aspectos podem manipulá-la: tempo, estado de espírito, novas experiências através das quais filtramos o mundo. Como a pessoa se sente em relação a algo hoje, como ela descreve algo hoje, pode ser muito diferente de como ela se sentirá ou descreverá no futuro, e, portanto, é importante sempre oportunizar essas reflexões com os docentes em formação inicial para que eles possam vivenciar essa mudança no hoje como um convite à melhoria do olhar sobre si e sobre os outros, bem como o meio ambiente que o cerca.

Entendemos a educação do olhar na formação do professor como um processo

educativo que tem como objetivo o desenvolvimento da capacidade de observação, análise e interpretação das imagens, cenários, eventos e situações presentes no contexto socioambiental. A importância da educação do olhar está relacionada à necessidade de desenvolver em cada docente um olhar mais atento, crítico e reflexivo sobre o mundo. E isso precisa ser treinado.

Por meio desse exercício, os professores são capazes de promover mudanças de maneira mais crítica e consciente, desenvolvendo habilidades importantes para a vida em sociedade, como a capacidade de interpretação, de análise e reflexão e ação sobre a realidade. Assim, a importância da educação do olhar na formação dos professores justifica-se pelo fato de questionar a atitude dos que mantêm a tradição do ensino centrada apenas na escrita e na mera reprodução.

Se o objetivo é que os professores sejam reflexivos sobre a sua própria prática, é preciso oportunizar uma formação voltada para uma educação que ocorre em diferentes lugares e ambientes e que seja oportunizado vivências de valores, sentimentos para que se tenham experiências diversificadas possibilitando novas perspectivas de “ver” o que está posto. Sobre isso, Carneiro (2005) afirma que a educação do olhar é um chamamento a todos nós, educadores, que carecemos de levar à escola experiências humanizadoras; para tal, a educação do olhar é o caminho para a prática da civilidade, honestidade, companheirismo, participação, cooperação, generosidade, respeito às diferenças, justiça, entre outros. E, dito de outro modo, quem faz a qualidade da educação são as pessoas e nós, agentes deste contexto, podemos, de certo modo, alcançar este ideal de qualidade a partir de um olhar atento.

No espaço de formação inicial, exercitar o olhar sobre o que vemos faz-nos refletir sobre essas visões que, por vezes, nos são impostas através de vendas que nos cegam. Assim, a educação do olhar deve ser encarada como possibilidade de mudança social, principalmente em tempos tão obscuros que vivemos, em que a individualidade é cada vez maior. Taylor (1997) informa que, para compreender o mundo contemporâneo, é necessário um exercício de restauração. Experienciamos um momento de descartabilidade. E, ao perdermos essa comunicação pelo olhar, vários outros aspectos também se perdem e as relações tornam-se fragilizadas. Passamos, então, a olhar coisas em que não deveríamos demorar nossos olhares, e desprezamos aquilo que deveria ser visto. Tavares (2011, p. 115) discorre o seguinte:

Não se aprende ou se ensina a educar sem o olhar. O ato de ver não é algo

natural, precisa ser aprendido durante toda a vida e é aí que os olhos do olhar vão se abrindo para múltiplas direções. Portanto, educar o olhar possibilita enxergar além das aparências, é acompanhar o movimento, é contemplar e examinar o mundo do desconhecido. Não se vê, analisa e avalia somente com o pensamento, mas com a emoção, com a percepção, com o físico, ou seja, com todos os sentidos, com o ser total.

A educação do olhar precisa ser trabalhada de maneira intencional nos cursos de formação inicial para o treino desta habilidade simples e direta com a qual nascemos, mas que, ao longo de nosso desenvolvimento e do percurso formativo, vamos perdendo e fracassando no seu uso.

O diálogo sob a perspectiva da educação do olhar, no contexto da formação inicial, rompe alguns paradigmas enraizados ao longo da trajetória escolar e causa um certo estranhamento, porque o uso de imagens é feito com a intenção de ser meramente ilustrativo, instrumental e cristalizado, não havendo espaço para a leitura verbal, discursividade que permite o questionamento de toda a subjetividade que se apresenta. Esquirol (2008) afirma que a educação do olhar não trata de cravá-lo (o olhar), e sim de dirigi-lo com mais cuidado, sem pressa e com flexibilidade suficiente, de maneira a poder desviá-lo quando a situação assim o exige.

Compreendendo que o exercício do olhar no contexto da formação inicial pode contribuir com a forma com que se vê, esta é uma mudança de perspectiva que permite ver coisas pela primeira vez ou por uma nova forma. Por isso, o processo pode ajudar a questionar o que antes não se percebia como passível de questionamento, e o uso do espaço acadêmico deve ter abertura ao diálogo, para a comunicação dos olhares, pois a trajetória escolar pode não ter permitido o desenvolvimento dessa habilidade.

Somente através do diálogo articulado é que conseguiremos alcançar algum resultado. É justamente pela falta de comunicação que grandes problemas são criados. Visões diferentes sobre um mesmo assunto gerando má comunicação podem, inclusive, gerar problemas ainda maiores. Assim, o contexto de formação inicial é essencial para a construção de ideias e valores sobre pontos de vista convergentes e divergentes.

É especialmente quando não gostamos de uma coisa, ou desejamos desviar os olhos dela, que se torna relevante que sejamos capazes de dialogar sobre, deixando de lado tanto suposições quanto emoções. Pode ocorrer que os fatos que nos são apresentados sejam tão desconfortáveis ou inacreditáveis que os bloqueamos, com resultados desastrosos. E quando se trata da busca pelo bem socioambiental, todos os olhares importam. Precisamos de olhares atentos. O que não é notado não poderá ser

percebido e, não sendo visto, não se tornará objeto de nossa atenção e respeito.

O fato é que não podemos agir como se não estivéssemos vendo. É vital que professores em formação inicial possam sempre ter o olhar curioso e aberto para, de fato, serem agentes de mudanças e capazes de despertar o mesmo nos alunos. É preciso escolher ver as coisas com um olhar mais crítico, repensar sobre o modo de ver e sempre questionar para que, então, a educação do olhar possa realmente cumprir seu propósito. O ver com atenção exige respeito e, em havendo ambos, haverá um acercamento das situações vivenciadas.

Por fim, a educação do olhar é aqui entendida como uma subjetividade que deve gerar discursos, isso é, um campo amplo de reflexões e práticas discursivas, e isso demanda intencionalidade e planejamento por parte do professor formador. Este deve estar seguro e consciente de suas mediações durante o processo formativo, pois, ao lidar com a (trans)formação de múltiplos olhares, é preciso que ele também esteja aberto ao diálogo e à reflexão, e, por vezes, que também reveja seu próprio olhar sobre o que se mostra no contexto da formação.

O professor, em sua prática docente, possui o poder de abrir as mentes, mas também de tocar o coração de seus educandos, e pode-se considerar competente aquele que consegue ensinar a educar também através do olhar, pois a influência que desempenha na vida dos alunos ultrapassa qualquer currículo. Carneiro (2014) afirma que essa influência “está presente no modo de tratar os alunos, no olhar que os observa, na maneira de projetar neles uma visão mais profunda, como agir levando em conta a dignidade, a justiça e a paz”. Ser educador é ser um facilitador, um mediador na construção de conceitos, valores, princípios e ações práticas. O trabalho do educador pode construir um mundo de belezas a serem percebidas tanto quanto pode destruí-lo, ou, na pior das hipóteses, não alterar em nada o olhar do estudante.

Para que se possa desenvolver a educação do olhar como prática efetiva e afetiva no contexto da educação, é obrigatório estar em constante aprimoramento para não se perder a essência de ver e enxergar, com o fim de se poder abraçar a sala de aula com os olhos antes de querer trabalhar o desenvolvimento de conteúdos e habilidades. Fazendo isso, é possível atingir um desenvolvimento melhor de todo o processo de ensino e aprendizagem, proporcionando um aconchego com o conhecimento.

O professor precisa entender que

[...] é necessário começar a educar o olhar da criança desde a educação infantil,

possibilitando atividades de leitura para que, além do fascínio das cores, das formas, dos ritmos, ela possa compreender o modo como a gramática visual se estrutura e pensar criticamente sobre as imagens (Barbosa, 2008, p. 81).

A responsabilidade que o educador precisará desenvolver em suas práticas educativas devem ser intencionais, desde a educação infantil. No contexto educacional, o professor tem de estar consciente de que “a expressão visual não é nem um passatempo, nem uma forma esotérica e mística de magia” (Dondis, 1991, p. 230). É mais uma competência construída ao longo do tempo, e que, apesar de em alguns casos haver uma preocupação excessiva com a alfabetização de crianças muito pequenas, que, por isso, acabam privadas de brincadeiras, jogos, exploração corporal do espaço, da dança, do teatro, da experiência estética, estes momentos são básicos no processo de construção de saberes.

Assim como não aprendemos a ler e a escrever de um dia para o outro, a educação do olhar é um processo que exige organização e planejamento docente, tanto na seleção de imagens de qualidade, confrontadas com as estereotipadas, como na discussão de imagens que configuram a realidade. Nesse sentido, Freire (1968, p. 67) lembra-nos de que “a leitura [visão] do mundo precede a leitura da palavra”. Antes de aprender a ler e a escrever, não se pode perder de vista a importância dessa “leitura” para a formação de sujeitos críticos e autônomos.

Na formação, os professores demandam espaços para compreenderem que a educação do olhar precisa ser interdisciplinar, intencional e pode ser trabalhada de diversas maneiras como a história da arte, da publicidade, o contexto das redes sociais, dos jornais, das revistas, da literatura, de informativos, entre milhares de outras categorias. Pois maior inteligência por meio do olhar significa compreensão mais fácil de todos os significados implícitos e explícitos que se apresentam pelas formas visuais. As decisões visuais dominam grande parte das coisas que examinamos e identificamos, inclusive na leitura. “Não se trata apenas de uma necessidade, mas, felizmente, de uma promessa de enriquecimento humano para o futuro” (Dondins, 1991, p. 231). Por isso, as propostas voltadas para a educação do olhar nos diferentes contextos educacionais urgem considerar a realidade e o desenvolvimento dos alunos, suas aprendizagens, suas experiências, imaginação e narrativas, não condicionando esses momentos ao certo/errado.

A educação do olhar é um desafio permanente para o professor, que precisa considerar o aluno como um sujeito integral, isto é, levar em conta sua totalidade

humana, e atentar para o perigo de estar educando seres humanos que não vivenciam experiências estéticas com qualidade. É de fundamental importância que o educador tenha sempre um olhar em mutação, que se encaixe, que se adapte. Os professores em formação não podem deixar que seu olhar se cristalice e perca o encanto do que veem.

Diante desse enorme desafio posto todos os dias diante de nós, professores, precisamos escolher intencionalmente a prática do exercício do olhar. Rubem Alves (1998) enfatiza que o olhar do docente possui mais importância do que os planos que este desenvolve, justamente pelo poder que nele carrega. Com um poder de fazer a inteligência de um aluno florescer ou murchar, o olhar do professor carrega uma potência mágica. O professor deve desenvolver a competência da visão para a sala de aula e compreender a grande responsabilidade que carrega consigo.

Professores em formação precisam compreender a responsabilidade que deverão assumir, e é imperioso sempre haver o questionamento sobre como tem sido o modo de ver as coisas e, assim, lembrar a importância do olhar diante do ensino que se dispôs a realizar, dado que o olhar docente influencia, aquece e esclarece. E essa compreensão surge a partir de espaços que oportunizam esses momentos de reeducação do olhar. Carneiro (2005) aponta a necessidade de uma reflexão sobre os dez olhares essenciais que os professores necessitam ter: olhar ético; olhar do conhecimento; olhar metodológico; olhar da inclusão, olhar entrelaçado; olhar da diversidade; olhar da participação; olhar do pertencimento; olhar da tolerância e olhar planetário.

Estes olhares desenvolvem-se ao longo da trajetória escolar, mas na formação inicial é de suma importância que sejam estimulados em todos os sentidos, a fim de que se possa compreender as distintas perspectivas e os múltiplos sentidos presentes nas coisas, nos fatos e acontecimentos. Olhar que transforma é um olhar que toca, que afeta.

Práticas que problematizam isso não fechará para a direção de uma visão interior e única do sujeito, mas pode abrir para a construção da subjetividade, característica intrínseca de cada ser humano- ser subjetivo. potencializando o caminhar e o construir por si mesmo, impulsionando o modo de enxergar a realidade e reavivar a capacidade de ser afetado por aquilo que atinge. A educação do olhar é também um convite para a constante transformação de si e do mundo.

A educação do olhar não pode ser vista como uma brincadeira. Ela é um fenômeno complexo. E a sociedade de hoje, e de que fazemos parte, apresenta muitos desafios: é a sociedade do conhecimento e da informação, informação que chega de maneira muito rápida e muitas vezes passa despercebida perante nossos olhos. A

tarefa do professor nessa sociedade é a de atuar como um mediador na educação desse olhar, entre a informação disponível e o aluno, de forma competente, (re)pensando sobre seu próprio modo de ver e desenvolvendo os olhares descritos por Carneiro (2005).

No entanto, para que isso seja realmente possível, faz-se urgente uma política de formação e valorização do educador e das escolas “como capazes de pensar, de articular os saberes [...] na construção e na proposição das transformações necessárias às práticas escolares e às formas de organização dos espaços escolares de ensinar e aprender” (Pimenta, 2005, p. 44), com o compromisso de proporcionar um ensino de qualidade pautado em uma educação do olhar para todos os educandos.

Tendo isso desenvolvido, o olhar para as questões socioambientais terá um alcance de alguns dos principais objetivos: os desenvolvimentos humano, social e ambiental que oportunizem uma construção social mais justa e equitativa.

4 A FOTOGRAFIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

“Fotografar é colocar na mesma linha a cabeça, o olho e o coração”

(Henri Cartier-Bresson)

A fotografia na relação natureza-homem, dentro do contexto da educação, é uma abordagem pedagógica que se vale da fotografia como ferramenta para sensibilização, conscientização e engajamento dos alunos quanto às questões socioambientais. Essa abordagem permite que eles possam observar, registrar e analisar a realidade ao seu redor e desenvolvam um olhar crítico sobre as problemáticas socioambientais; conseqüentemente, podem associar-se a ações de transformação social e ambiental.

A fotografia pode ser considerada uma das maiores invenções da humanidade. Ela é utilizada no campo das ciências humanas com o objetivo principal de atribuir significado à imagem. As informações encontradas nas imagens fotográficas favorecem o enriquecimento da compreensão dos sujeitos, o que constitui uma grande vantagem desse método (Neiva-Silva; Koller, 2002). Em poucos segundos conseguimos compartilhar nosso olhar com os outros. Vivemos em um mundo repleto de imagens, e elas também estão presentes no espaço escolar, inclusive como instrumento de aprendizagem existente nos livros didáticos.

A partir de uma imagem, como alguns estudos mostram, a fotografia pode ter múltiplos usos na pesquisa social, por exemplo: como documento, citação, fonte de inspiração, entre outros. Além de ser um instrumento facilitador de aprendizagem, a fotografia também pode gerar profundas reflexões, propiciando o diálogo sobre as questões socioambientais, que necessitam de um olhar mais atento.

A imagem fotográfica, de acordo com Dantas (1999), realiza uma desaceleração do olhar, permitindo analisar melhor os elementos que parecem não carregar sentidos no processo de formação da cidade ao olhar já acostumado, ou seja, a fotografia imóvel favorecendo a compreensão de detalhes que, muitas vezes, não são percebidos no cotidiano, mas que têm importante função na construção e modificação constante do espaço geográfico. E, conforme afirma Godoy (1999), nossas escolas encontram-se em um cenário onde a educação é fragmentada, ou seja, o conhecimento não faz conexões.

O Ministério da Educação (MEC) comenta que as disciplinas são recortes do conhecimento (Brasil, 2002). É bem complexo quebrarmos essa barreira, pois desde pequenos, no início de nossa trajetória escolar, fomos ensinados a não fazer relações entre os conteúdos e as áreas do conhecimento em um contexto mais ampliado.

Assim estamos: cegos de nós. Cegos do mundo. Desde que nascemos, somos treinados para não vermos mais do que pedacinhos. A cultura dominante, cultura do desvínculo, quebra a história passada, como quebra a realidade presente e, assim, proíbe que o quebra-cabeça seja armado (Galeano, 1990 apud Silva; Pinto, 2009, p. 1).

Neste sentido, a fotografia pode contribuir no desenvolvimento de um ensino voltado para a vida, colocando os estudantes como protagonistas do processo de ensino e de aprendizagem e levando em consideração seu contexto social. Apesar de vivermos com um acesso intenso às imagens nos meios de comunicação em massa, inclusive na escola, frequentemente não há preocupação em abordar tais imagens de maneira crítica e intencional. Carvalho (2004) apresenta a importância de se formar o indivíduo considerando a sua relação com o meio ambiente no qual está inserido. Ademais, deve-se ter em conta também o seu contexto histórico, colocando-o como um ser social nesse processo. É preciso haver um planejamento com vistas à educação dos sujeitos, para que estes percebam que o meio ambiente não é algo alheio à nossa realidade. Tudo faz parte de um só sistema, onde há vida e interdependência dos seres.

A fotografia auxilia na aprendizagem de questões socioambientais, pois, ao usar imagens para se trabalhar tais questões, nota-se um envolvimento maior dos estudantes, despertado pela curiosidade e que leva à reflexão, abrindo um leque de possibilidades de intervenções didático-pedagógicas.

Na educação, a fotografia é um elemento didático de grande capacidade de ensino, desempenhando uma função de suma importância, pois possibilita variadas formas de percepção e formação dos conteúdos que constituem a produção da subjetividade (Gonzaga; Miranda; Santos, 2018, s./p.). A fotografia pode favorecer ampliação do campo de visão, estímulo à observação sistematizada e à reflexão crítica, desenvolvimento de sensibilidade estética e da criatividade, entre outras perspectivas.

É importante termos esses conhecimentos do que a fotografia pode oferecer, pois observamos que o crescimento tecnológico permite ao homem conhecer os meios e processos ecológicos mais profundamente. Porém, o que percebemos é que não há uma preocupação da aplicabilidade desses conhecimentos em prol de uma relação harmônica com a natureza e a sociedade, e do respeito às culturas e saberes populares.

O avanço tecnológico em si tem afastado o ideal de visão das relações socioambientais, enquanto a intervenção dos seres humanos na natureza se dá de maneira descontrolada, através de práticas predatórias que atuam diretamente na degradação do meio ambiente (Campos, 2000). Justo (2003) coaduna com essa ideia,

afirmando que, diante dessa disseminação imagética, o nosso olhar situa-se trivial, habituado com seu limiar rebaixado, dificultando a aproximação e o distanciamento necessários para o exercício de um olhar crítico perante as imagens. Essa autora ainda comenta sobre a “indiferença” instalada nos sujeitos sociais: “vivemos tempos de retinas fatigadas, de olhos que não veem. A exposição maciça e veloz de imagens aos nossos olhos apressados, no mundo contemporâneo, banaliza o olhar” (Justo, 2003, p. 36).

Por isso é tão relevante haver esse chamamento através de um processo intencional com os professores em formação, a fim de que estes percebam que o meio ambiente não é algo alheio ao real. E podemos dizer que a fotografia consiste em um espelhamento de olhares cuja construção dos sentidos ocorre no processo.

A cena criada a partir da fotografia incorpora um modo de ver e, embora a imagem tenha capturado um modo de ver em um momento exato, a percepção ou compreensão da imagem captada também depende do modo de ver de quem a observa. Portanto, a fotografia é uma ferramenta poderosa para se trabalhar questões socioambientais, pois sua utilização no processo educativo pode fazer com que a percepção da imagem capturada expresse mais do que somente sua estética. É possível que a fotografia permita ao sujeito ser conduzido a novas linguagens, inclusive à dimensão política dos fenômenos representados, visto que o conteúdo daquele enquadramento não se traduz em sentidos que impressionam, que causam ruídos na comunicação, mas fornece detalhes que constituem o próprio saber na sua essência (Barthes, 1984).

A partilha desse outro e do olhar e do contato com outras linguagens, além de facilitar sua participação no processo educativo, permite ao aluno que ele se sinta pertencente também a esse lugar social, na medida em que favorece a ampliação de sua consciência do real vivido. O trabalho com grupos, quando se fala de fotografia, pode beneficiar a consideração do estudante e de suas concepções na dimensão subjetiva e social. Olhar imagens e atribuir significados dentro de um grupo necessita de um respeito à diversidade e de uma ação cooperativa. O pertencer exige uma inclusão de identidade. Dessa forma, permitindo o exercício de alteridade, permitimos uma relação dialógica entre os sujeitos e o meio ambiente.

No entanto, esta simples percepção não é suficiente. Deve haver a conscientização, que, de acordo com Freire (1980, p. 26), consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade para chegarmos a uma esfera crítica, onde a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma

posição epistemológica.

Este diálogo já foi iniciado por outros pesquisadores, e o objetivo de tê-lo novamente aqui é porque acreditamos no uso da fotografia como um grande dispositivo para uso nas intervenções socioambientais, levando em conta a potencialidade de transformação de olhares que a fotografia socioambiental proporciona.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

Para a realização desta pesquisa, escolhemos a abordagem qualitativa por favorecer a compreensão da realidade e possibilitar o aprofundamento no mundo dos significados, sem a preocupação de quantificar sujeitos e opiniões (Minayo, 2008), além de possuir como especificidade o estudo do comportamento humano e social e de estabelecer uma relação ativa entre o mundo real e o sujeito (Chizzotti, 1995).

De acordo com Creswell (2014, p. 49), a pesquisa qualitativa é caracterizada como “um conjunto de práticas materiais interpretativas que torna o mundo visível”, sendo utilizada quando almejamos fornecer poder aos sujeitos para que partilhem e tornem conhecidas suas histórias. Conforme Ruiz (*apud* Aguiar, 2008), o sujeito de uma pesquisa pode ser definido como a pessoa, fato ou fenômeno sobre o qual se deseja saber algo.

Como estratégia metodológica, fizemos uso da pesquisa-ação. Assim como Franco (2005, p. 485), entendemos que “se alguém opta por trabalhar a pesquisa-ação, por certo tem por convicção de que a pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da prática”. Eden e Huxhan (2001) apontam que a pesquisa-ação se aplica a casos em que é necessário coletar dados sutis e significativos. Em virtude da ampla inserção do pesquisador no contexto da pesquisa, do seu envolvimento e dos membros da organização pesquisada em torno de um interesse comum, os dados tornam-se mais facilmente acessíveis em uma pesquisa-ação.

5.2 Delineamento da pesquisa

Esta pesquisa/formação foi realizada nas dependências de uma instituição privada de ensino superior da região metropolitana de Belém, durante o 3º período do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, ministrado presencialmente pela pesquisadora e com o total de 36 horas de atividades.

Participaram desta pesquisa/formação 10 sujeitos em formação inicial. Os participantes foram identificados com as letras inicial e final de seus nomes. O aceite da participação nesta pesquisa ocorreu por meio da apresentação da proposta, dos objetivos, dos procedimentos e com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Conforme Artigo 2º, inciso XXII, da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, pode ser considerado comprovante de aceite: “[...] documento em qualquer meio, formato ou mídia, como papel, áudio, filmagem, mídia

eletrônica e digital, que registra a concessão de consentimento ou assentimento livre e esclarecido [...]” (Brasil, 2016, p. 4).

Para o desenvolvimento da formação contida nesta pesquisa, utilizamos a fotografia para conscientização sobre as questões socioambientais. As interpretações e os entendimentos sobre tais questões, mediadas pela fotografia, foram etapas necessárias para a sensibilização do olhar e o aprofundamento a respeito das matérias socioambientais. A partir disso, quanto à abordagem da questão norteadora para análise por meio de Análise Textual Discursiva, aos alunos em formação inicial no curso de licenciatura em Pedagogia foi feita a seguinte pergunta: Qual a importância de se trabalhar questões socioambientais no âmbito escolar? Antes da obtenção da resposta, o percurso formativo ocorreu nas seguintes etapas:

1ª ETAPA: Roda de conversa: amostras fotográficas para sensibilização do olhar – leitura, debate e reflexão de texto

Projeção de imagens selecionadas pela professora, onde cada sujeito expressava sua percepção acerca do que estava vendo. As fotografias exibidas tiveram o objetivo de despertar sensibilização, reflexão e debate coletivo e individual sobre as imagens.

2ª ETAPA: O que você está enxergando?

Nesta etapa, foi solicitado que os alunos voltassem o olhar para o entorno de sua comunidade e fizessem três registros fotográficos. Após realizados os registros, eles escolheriam UMA fotografia e elaborariam um texto descritivo/analítico, nomeando a imagem escolhida.

3ª ETAPA: Socialização das fotografias/textos

A socialização, os debates das produções individuais e a escolha da fotografia foram baseados na realidade apresentada por cada sujeito. Assim, cada um pôde perceber um pouco a realidade do outro, até então desconhecida, embora fossem todos colegas de curso.

4ª ETAPA: Seleção e exposição de fotografias a partir de reportagens das questões socioambientais: percebendo outros olhares

Para dar continuidade à pesquisa, procuramos por reportagens com imagens que apresentassem problemáticas socioambientais em diversas regiões do Brasil. A escolha por matérias retiradas da internet, proposta pela professora, partiu da premissa da conectividade socioambiental.

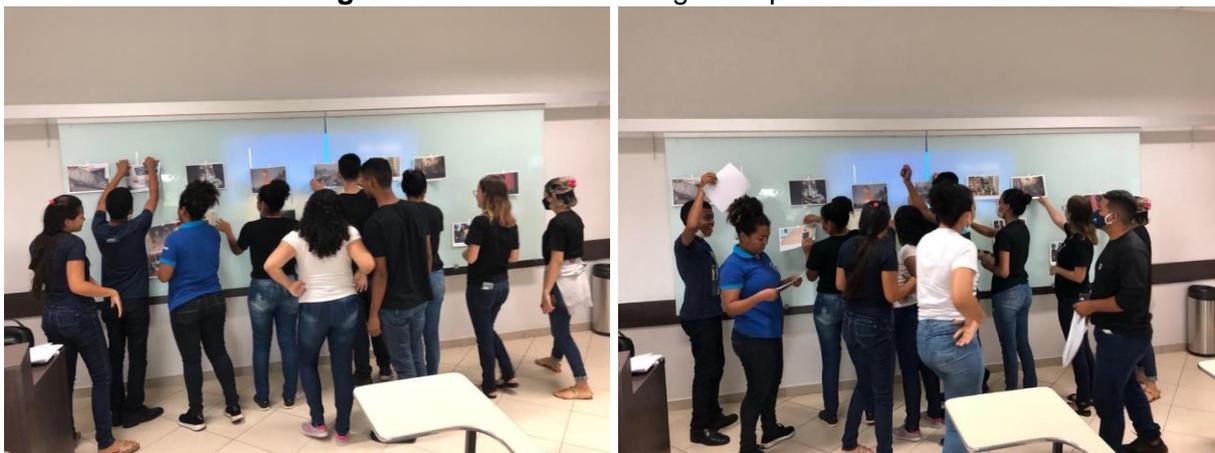
O objetivo de ampliar o olhar é permitir a compreensão de que nossos problemas locais não são únicos, no entanto, há medidas únicas que poderão fazer com que não sejamos atingidos com o que acontece em qualquer outra localidade. Elencadas as fotografias, fizemos uma exposição em sala, onde os alunos pudessem escolher a imagem e construir o texto a partir dela, sem ter contato com a reportagem da fotografia.

Imagem 1 – Exposição das fotografias socioambientais.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Imagem 2 – Escolha das fotografias para análise.



Fonte: Acervo da autora (2024).

5ª ETAPA: Expectativa X Realidade: contato com o texto original

Nesta etapa, ainda com as fotografias do bloco anterior, os sujeitos foram desafiados a escrever sobre o que enxergavam e a pensar sobre o que poderia ter sido escrito no texto original a partir da imagem escolhida. Após a escrita de seus textos, os participantes tiveram contato com a reportagem da fotografia selecionada. Após a leitura, puderam comparar o quão aproximadas eram as ideias e as percepções com a reportagem completa — imagem e texto.

Imagem 3 – Produção de textos a partir da fotografia.



Fonte: Acervo da autora (2024).

6ª ETAPA: Aplicação do questionário

Tendo como base todas as etapas de reflexão, debates e escrita, os sujeitos responderam à seguinte pergunta norteadora da pesquisa: **“Qual a importância de se trabalhar questões socioambientais no âmbito escolar?”** Tal questão foi analisada com base dos parâmetros da ATD.

5.3 Análise Textual Discursiva

A Análise Textual Discursiva (ATD) é definida por Moraes e Galiuzzi (2020) como uma metodologia de análise de dados de natureza qualitativa, que permite trabalhar os textos e informações para produção de novas compreensões sobre os fenômenos que se pretende investigar, com rigor e critério para, assim, “reconstruir conhecimentos existentes sobre o tema investigado” (Moraes; Galiuzzi, 2007, p. 11).

Moraes (2007, p. 87) explica que o “[...] conjunto de textos submetidos à análise costuma ser denominado de corpus e importa numa multiplicidade de vozes se manifestando sobre os fenômenos investigados”. Ademais, é do corpus que são retiradas, durante a análise, as estruturas a serem utilizadas na elaboração de um novo texto, denominado metatexto, cuja função é apresentar o resultado da análise (Ferreira, 2011, p. 50).

De acordo com Moraes (2007, p. 100), um metatexto, para ser válido, deve ser construído “[...] a partir da inserção no texto de falas e citações de fragmentos dos textos analisados”. Tais inserções são denominadas interlocuções empíricas. No momento da interpretação dos metatextos, as interlocuções teóricas, que são diálogos com os teóricos sobre os temas ou fenômenos, também são relevantes para a validação. Nesse processo, os autores dos textos analisados precisam ver a representação de suas ideias e teorias (Moraes, 2007).

Na ATD, a construção de um metatexto é considerada um novo emergente que tece as considerações dos aspectos selecionados na categorização (Moraes, 2020). É nesse momento que o pesquisador se assume autor de seus próprios argumentos, pois os metatextos são constituídos de interpretação e compreensão sobre os fenômenos investigados a fim de validar o que foi compreendido (Ramos *et al.*, 2015).

O pesquisador é uma das vozes interpretativas nas redes coletivas de diálogo acerca do fenômeno. Seu papel é o que Gadamer (2015) exemplifica na atuação do intérprete de uma língua estrangeira. O pesquisador precisa traduzir para si e para outros o que o texto diz. Nesta tradução, ele coloca um pouco de si, suas vivências, seu contexto interpretativo. Ao traduzir, o texto não é mais somente do pesquisador ou dos demais sujeitos que participaram da investigação, nem mesmo dos teóricos trazidos para a análise, mas um texto de todos trazidos no diálogo.

Assim, na ATD a tradução realizada pelo pesquisador é o meio pelo qual o fenômeno se mostra, não na individualidade do pesquisador, mas na tradução das vozes

que dizem sobre o fenômeno interpretado e que são reconhecidas por quem interpreta. Por fim, a tarefa na ATD é ir além do que já se sabe do fenômeno, é aprender sobre ele, ampliando o horizonte interpretativo por intermédio das emergências teóricas, ou seja, na disposição de novas elaborações dialógicas.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção constam os resultados obtidos a partir das respostas dos sujeitos, utilizando-se a metodologia de Análise Textual Discursiva (ATD), cujo foco nesta pesquisa será por intermédio dos metatextos. Moraes (2006, p. 125) discorre que o pesquisador assume um papel ativo na reconstrução dos significados, refletindo sua própria perspectiva e subjetividade, e a qualidade do processo é avaliada pela profundidade da interpretação e pela capacidade de atualizar os sentidos originais.

Nesse sentido, a partir da análise do corpus, a unidade de significados, podemos elencar duas dimensões principais, conforme as categorias emergentes: a ambiental e a pedagógica, como temas emergentes das categorias. Tais categorias não são independentes, e a relação entre educação socioambiental e práticas pedagógicas significativas revela a necessidade dessa associação de uma forma que perpassa todo o currículo escolar.

A ênfase está na formação de alunos: que estes sejam protagonistas em seu processo de aprendizagem e desenvolvam consciência crítica e responsabilidade socioambiental por meio de reflexões e ações intencionais por parte do professor, e que este opte por métodos que tornem o ensino mais envolvente e significativo, assumindo a função de inspirar e motivar os estudantes a se engajarem nessas questões.

A seguir, apresentamos a análise metatextual das categorias principais que emergiram durante a análise.

6.1 Categorias

Dimensão pedagógica

A dimensão pedagógica emergiu diante das reflexões dos sujeitos, que, mesmo em processo de formação inicial, já trazem a ideia de que o professor possui a missão de ofertar um ensino voltado às questões socioambientais e a uma intencionalidade no ensino com uma prática reflexiva. O conceito de professor reflexivo foi amplamente difundido por Donald Schön em seu livro “The Reflective Practitioner” (1983). Segundo Schön, a reflexão na ação e sobre a ação é fundamental para que os profissionais possam aprender com suas experiências e aprimorar suas práticas.

Diante dos crescentes índices de fracasso escolar que se tornaram notórios ao longo dos anos e das constantes responsabilidades que estão postas sobre os professores, a necessidade de uma formação inicial que ofereça suporte para lidar com

as demandas torna-se imperativo. Neste cenário imposto, o ato de “refletir” no fazer pedagógico para o alcance dos objetivos é primordial para a formação de alunos ativos e críticos. Uma proposta de epistemologia da docência dada pela prática de bons profissionais é a perspectiva do professor reflexivo. “A prática reflexiva tem sido amplamente divulgada no campo das discussões sobre formação de professores, e incorporada a textos e documentos de forma quase integral e totalizadora” (Campos, Diniz, 2004, p. 2).

A apropriação do conceito de professor reflexivo pode ser percebida tanto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior (Brasil, 2002), quanto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Docentes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em nível médio (Brasil, 1999). Encontram-se nesses documentos, respectivamente, as seguintes expressões relacionadas ao trabalho do professor: “ação-reflexão-ação” como estratégia didática privilegiada para resolução de situações-problema (Brasil, 2002, artigo 5º), e “uma concepção de professor reflexivo” indispensável ao questionamento e pensamento autônomo e ético em relação às intervenções no exercício da profissão, que é prática e contextualizada (Brasil, 1999, p. 30).

Embora possa haver alguns obstáculos no cenário escolar, como questões de tempo cronológico, currículo e questões administrativas impostas, a exigência do fazer docente com intencionalidade não pode ser uma casualidade. A reflexão pode ocorrer na ação, quando o professor reflete, colocando para si as questões do cotidiano como situações problemáticas, e faz isso ao mesmo tempo em que vivencia esta situação.

Ao refletir sobre suas práticas, o professor coloca-se como um facilitador do aprendizado, criando um ambiente onde os alunos sentem-se encorajados a explorar, questionar e propor soluções para os desafios socioambientais. Essa abordagem promove um ensino mais dinâmico e engajado, onde o aluno é o protagonista de seu próprio aprendizado. G.R. afirma o seguinte:

A inserção de temas relacionados às questões socioambientais nos anos iniciais é essencial para formar cidadãos conscientes e responsáveis. O professor precisa usar intencionalmente práticas pedagógicas que contemplem essas questões, e essa intencionalidade vem através do planejamento, ação e reflexão (participante G.R.).

A escola é o espaço ideal para promoção do aprendizado em todas as etapas de ensino. E para que esse aprendizado ocorra, ele deve ultrapassar o acúmulo de

informações, conectando a sala de aula às situações de vida. O livro didático tem sido, em grande parte dos cenários escolares, um dos meios por que os conteúdos sobre as questões socioambientais têm sido ensinados, e precisamos compreender que ele

[...] tem grande importância, pois está presente na maioria das salas de aula. O docente não deve considerar os alunos como depósitos de informações e o livro adotado não pode ser o definidor de todo o processo de ensino-aprendizagem. Professores e alunos é que são os sujeitos, capazes de problematizar os conteúdos, trazendo a abordagem dos mesmos para a realidade local (Macedo; Cunha, 2012, p. 93)

conteúdos nele apresentados, e não estimula a participação ativa dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem. A percepção da necessidade de utilização de ferramentas diversificadas também é evidenciada por A.M., quando diz:

Uma didática para se trabalhar é o uso de fotografias, por uma aprendizagem ativa e significativa, pois incentiva a [se ter] um olhar curioso e interessado, que proporciona não só identificar uma determinada realidade, mas também uma análise crítica e abrangente a respeito de assuntos importantes. Tal didática não é obtida somente por meio de livros didáticos. Precisamos, enquanto docentes, estar refletindo e sempre buscando formas de dinamizar o ensino para facilitar a apreensão de assuntos tão essenciais como estes (participante A.M.).

Ao trabalhar as questões socioambientais, é importante que o professor conduza seus estudantes para a observação de fatos e a identificação de problemas que levem à formulação de hipóteses, chegando, assim, às suas próprias conclusões. Tendo como ponto de partida a observação e a busca por meios para fomentar o papel mais ativo dos alunos na educação, a fotografia pode ser considerada uma ferramenta didática bastante útil nesse processo.

O uso de fotografias é uma estratégia instigante na sala de aula, porque sabemos que o olhar de uma pessoa sobre a fotografia gerada por ela mesma de alguma forma ressoa em seu interior, e o diálogo reafirma o sentido capturado.

A fotografia, segundo Mendes e Nobre (2008), permite-nos observar o que muitas vezes não podemos ver. Kubrusly (2006) realça que algumas imagens, pela simples existência, impõem alguma providência. Por sua vez, a fotografia, se bem trabalhada no contexto educacional, pode trazer ganhos no que se refere à construção de conhecimento e à leitura crítica da realidade circundante, de modo que o aluno se torne questionador dessa mesma realidade e possa constituir-se alguém com sensibilidade socioambiental. Assim, a fotografia pode contribuir para a transformação social que se faz necessária em nossa sociedade.

É interessante notar que os alunos, futuros professores, já possuem um

posicionamento claro sobre a necessidade de um fazer pedagógico voltado para práticas educativas que contemplem questões socioambientais. As respostas descritas por L.G. e W.S. ratificam a importância dessa abordagem de maneira responsável, contextualizada e sistemática, quando expressam:

'[...] e o professor, como principal responsável por aquela educação, tem o papel principal de fazer com que o assunto seja interessante o suficiente para que o aluno possa entender e aplicar no seu dia a dia, fazendo as modificações, ainda que mínimas, em seu meio ambiente'. 'Tem muitas coisas que precisam ser questionadas ou validadas, quando se trata do tema socioambiental. Essa relação [entre] teoria e prática deve ser valorizada e vivida de maneira contextualizada para que faça sentido na vida do aluno' (participantes L.G. e W.S.).

Freire (1987, p. 58) destaca a práxis como a unidade entre teoria e prática, uma ação-reflexão dos homens sobre o mundo que visam transformá-lo. Nesse sentido, teoria e prática são interfaces complementares e articuladas que resultam em uma atividade social e transformadora. Esse conceito de práxis reflete-se diretamente na formação de professores, que, conforme Schuchter (2017, p. 190), também é gestada nas vivências e significados sociais experimentados no ambiente escolar. A formação docente emerge não apenas do conteúdo teórico, mas também das relações estabelecidas entre docentes e discentes, das resistências enfrentadas, da construção coletiva de projetos de trabalho e da transformação da realidade escolar. Esses elementos são parte essencial da “formação mútua”, onde a aliança com os pares e o enfrentamento de desafios cotidianos concorrem para a construção de uma prática pedagógica crítica e reflexiva.

Tais ideias conectam-se com a recorrente noção, expressa nas falas dos sujeitos, de que o ensino deve ser contextualizado e voltado para a vida real, ressaltando a importância do papel do professor em um contexto educativo desafiador. Esse despertar para a necessidade de uma formação inicial que promova uma identidade profissional forte e crítica entre os educadores, especialmente nos cursos voltados para a docência nas séries iniciais, é fundamental.

Além disso, a compreensão das relações estabelecidas entre o ser humano e a natureza deve estabelecer ligações com as sensibilidades, pois isso é necessário para que haja transformações e amorosidade no engajamento. É com este propósito que uma formação, ainda que breve, pode contribuir na formação dessa identidade, que se transforma de acordo com as interações entre sociedade, ser humano, instituições e

natureza. Dessa interação, pode configurar-se uma identidade que venha a ser reafirmada na formação para futuras práticas docentes.

Nessa dimensão pedagógica, cabem algumas reflexões suscitadas a partir das respostas dos alunos em formação: será que este ideário de educação socioambiental, incorporado às práticas pedagógicas, possui aceitação e reconhecimento real na sociedade? Há espaço para projetos e práticas inovadoras para docentes em formação? É notório que este campo é plural e constituído de muitos discursos, o que implica múltiplos olhares.

Diante da análise dos dados agrupados nessa categoria, espera-se que os futuros professores sigam com tal postura com confiança e segurança, a partir de oportunidades de reflexões como esta, expressa por D.R.:

O professor precisa estar pronto para atender [a] essas demandas, e, neste momento de formação e participação em aulas como essa, podemos entender a relevância desse tema e nos preparar para os desafios que teremos (participante D.R.).

À medida que olhamos para a formação de docentes em um campo tão distinto como o da educação socioambiental, torna-se evidente que o caminho não é simples, mas profundamente necessário. As inquietações dos alunos em formação, como as expressas por DR, são um reflexo do desejo de construir práticas pedagógicas que não apenas atendam às demandas sociais, mas também transformem realidades. Esses futuros professores, em suas jornadas, devem estar preparados para enfrentar desafios com coragem e discernimento, sabendo que a pluralidade de discursos e práticas no campo da educação é uma oportunidade para construir algo novo e relevante.

É vital que esses educadores, ao considerarem a complexidade do contexto socioambiental, mantenham a confiança em suas habilidades de inovar e de promover um ensino significativo. O ideário da educação socioambiental deve, portanto, transcender o discurso e enraizar-se nas práticas, ganhando espaço e reconhecimento na sociedade. Que esse momento de formação seja apenas o início de uma trajetória de reflexão crítica e de ação comprometida com o futuro, um futuro que eles ajudam a moldar em cada sala de aula, em cada projeto, em cada interação.

Assim, espera-se que os professores em formação se apropriem desse espaço de construção coletiva, onde o aprendizado não se limite aos conteúdos, mas se expanda para a transformação do próprio educador e da realidade à sua volta. Afinal, a

educação é, antes de tudo, um ato de esperança no que podemos ser e não que podemos realizar juntos.

Dimensão ambiental

Esta dimensão refere-se às compreensões dos futuros professores de séries iniciais que, diante dos agrupamentos, emergiram com o nome de responsabilidade socioambiental. Assim, há relação direta sobre as concepções dos discentes em relação a sua idealização na atuação pedagógica vindoura.

Ao se aproximarem desta pesquisa sobre temática socioambiental, eles apresentaram uma visão de trajetória de vida, e isso é fundamentalmente importante nesse cenário, pois, dependendo das relações estabelecidas durante a vida, observa-se maior abertura e/ou sensibilidade à causa socioambiental. Essa formação foi, sobretudo, um trabalho de sensibilização do olhar para a temática, e foi notório que uns mostravam mais aprofundamento e interesse do que outros.

As instituições de ensino superior precisam oportunizar espaços onde a problematização sobre questões socioambientais possa ser contemplada para que os alunos saiam do senso comum, construindo uma (re)organização de pensamentos a partir de um diálogo de saberes. De acordo com Carvalho (2011, p. 79), a educação ambiental fomenta sensibilidades afetivas e capacidades cognitivas para a leitura de mundo do ponto de vista ambiental. H.B. demonstra essa preocupação quando diz que, ao se trabalhar as questões socioambientais,

é fortalecida no aluno a ideia de que ele necessita ter uma participação social positiva, sabendo que suas ações, boas ou más, refletem na preservação ou degradação direta do meio ambiente em que está inserido (participante H.B.).

A responsabilidade socioambiental tem na escola um local propício para sua realização, através de um ensino ativo e participativo e que oportuniza aos alunos um conhecimento de mundo em que possam exercer suas cidadanias organizada e sistematizadamente, ampliando as possibilidades de participação nas tomadas de decisões. G.P. descreve que

É na escola, também, que eles entenderam a transformação do mundo, poluição, o tratamento do lixo, [e] o professor pode e deve trabalhar com essas temáticas, não com o objetivo apenas de conscientização, mas de preservação. (participante G.P.).

T.A. ainda apresenta o seguinte:

Não basta apenas mostrar o que os livros indicam, é preciso fazer uma aproximação da realidade dos alunos, e estes, quanto menores, mas possuem curiosidades e estão abertos ao aprendizado ativo (participante T.A.).

Sobre isso, Penteado (2010, p. 58) enfatiza que a necessidade da formação para a cidadania é condição para compreender as questões ambientais para além de suas dimensões biológicas, químicas e físicas, e assim se expressa:

[...] uma coisa é ler sobre o meu meio ambiente e ficar informado sobre ele, outra é observar diretamente o meu meio ambiente, entrar em contato direto com os diferentes grupos sociais que o compõem, observar como as relações sociais permeiam o meio ambiente e o exploram, coletar junto às pessoas informações sobre as relações que mantêm com o meio ambiente em que vivem, enfim, apreender como a sociedade lida com ele. Sabe-se que 'aprende-se a participar, participando'.

É necessário, para a promoção desses temas tão fundamentais na relação entre homem e natureza, que se transforme o seu caráter informativo em uma ferramenta que oportunize compreensões e desenvolvimentos para além das aparências imediatistas. E, para isso, o professor necessita ter uma conexão de seu próprio trabalho com a vida, ou seja, que ele ultrapasse o saber e vivencie o ser para que possa inspirar e criar uma prática que alie suas próprias experiências de vida.

Na leitura das respostas dos alunos, é notório que há uma visão compartilhada sobre a importância da educação socioambiental no ambiente escolar. Através de citações e fragmentos analisados, fica claro que os discentes reconhecem a necessidade de uma abordagem educativa que promova conscientização, responsabilidade, transformação de hábitos e preparação para a vida.

O papel do professor e a utilização de métodos de ensino envolventes são considerados cruciais para o sucesso dessa educação, que visa formar cidadãos conscientes e comprometidos com a preservação do meio ambiente e com a construção de uma sociedade mais sustentável.

7 REFLEXÕES, POSSIBILIDADES E CONSTATAÇÕES

A partir da análise intermediada pela ATD para compreensão dos significados apreendidos sobre a importância da educação socioambiental dos alunos de licenciatura em Pedagogia da presente pesquisa, ficou evidente que há uma preocupação quanto ao uso dos temas socioambientais no contexto educacional com práticas pedagógicas intencionais, contextualizadas e reflexivas. Também ficou evidenciada a necessidade de maior espaço de problematização com intuito de favorecer um salto do senso comum para uma aproximação real das problemáticas socioambientais.

A formação oportunizou reflexões e contato com as questões ambientais de maneira muito pontual, e a ausência ou insuficiência de temas socioambientais na formação de professores do curso de Pedagogia expõe uma lacuna importante no currículo. Isso pode resultar em futuros educadores despreparados para abordarem questões ambientais em sala, porque, de maneira geral, professores que não foram expostos a temas socioambientais durante sua formação tendem a não priorizar tais assuntos em suas práticas pedagógicas. Isso limita a conscientização e o engajamento dos alunos sobre questões ambientais e de sustentabilidade. A inserção de temas socioambientais precisa ser repensada para além da disciplina de “ciências”, como ação de vivências engajadoras durante o percurso formativo.

Qual é a responsabilidade das instituições de ensino superior na formação de professores preparados para enfrentar desafios socioambientais? Como elas podem adaptar-se para incluir esses temas nos currículos? Uma das sugestões, que não se consolida como um fim, mas que pode ser uma estratégia de minimização desta lacuna, é a inserção do tema em seminários, *workshops*, fóruns de discussão de grupos de pesquisa como prática interdisciplinar, ofertados pela própria instituição e em parceria com outras organizações não governamentais, empresas e entidades governamentais que atuem na área ambiental, de modo a desenvolver projetos educativos e fornecer recursos e apoio técnico para professores e alunos. As horas complementares como requisito para a formação poderiam ser privilegiadas por meio desses formatos específicos, oportunizando vivências e confrontos durante a caminhada acadêmica.

Outra possibilidade é a implementação de uma revisão curricular que inclua disciplinas específicas sobre educação ambiental e sustentabilidade, garantindo que esses temas sejam abordados mediante a incorporação de projetos interdisciplinares, aprendizagens baseadas em problemas, estudos de caso que incentivem a reflexão

crítica e ação sobre as questões socioambientais.

A formação de professores precisa ser de interesse de todos os grupos, pois trata-se de uma questão social. Esse aprendizado deve começar cedo em nossas vidas, e um dos lugares onde deve ser desenvolvido é nos espaços escolares, especialmente nos contextos de formação inicial, pois, para saber defender nossos interesses, é imprescindível passar pelo aprendizado.

Diante dos objetivos desta pesquisa, é possível concluir que as percepções dos graduandos estão de acordo com eles e são essenciais para professores comprometidos com a educação ambiental, no entanto é indispensável uma ampliação de visão da problemática socioambiental, para além de uma visão ingênua e naturalista.

O grupo de alunos participantes dessa pesquisa apresentou características como postura reflexiva diante da produção de conhecimentos, dialógica, atitudes sensíveis em relação às problemáticas evidenciadas por meio de fotografias, curiosidade, valores, princípios éticos, emoção, sensibilidade e responsabilidade profissional.

Cabe pensar na repercussão desta pesquisa na vida desses alunos, futuros pedagogos. A pesquisa permitiu ir além da formação dos estudantes: permitiu uma autoformação docente, onde pude refletir e ampliar minha visão sobre a urgência da educação do olhar em tempos em que a relação homem e natureza está em risco. Neste estudo, a formadora também está em formação nas pesquisas e divulgações sobre a temática socioambiental, e, dessa forma, podemos afirmar que este é um dos resultados significativos.

Espera-se que este trabalho possa servir de discussão sobre o cenário que é encontrado em instituições de formação do ensino superior. Os documentos norteadores precisam ser realidades nestes espaços formativos, e a universidade precisa estar aberta às mudanças e diálogos, pois ainda encontra-se muito restrita, com uma grade curricular fechada, mesmo em uma época de experiências formativas tão bem-sucedidas.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. Ser professor reflexivo. *In*: ALARCÃO, I. (Org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996. p. 171-189.

ALVES, Rubem. **A educação dos sentidos: conversas sobre a aprendizagem**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1998.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARCELOS, V. **Educação ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. (Coleção Educação Ambiental).

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre fotografia**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013.

BRASIL. Parecer CNE/CP nº 22, aprovado em 7 de novembro de 2019. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Proposta para Base Nacional Comum da Formação de Professores da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2018c.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. **Diário Oficial da União**, Brasília, 26 jun. 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, 24 maio 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 12 dez. 2012.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2 set. 1981.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 28 abr. 1999.

CAMPOS, N. P. **A construção do olhar estético-crítico do educador**. Florianópolis: UFSC, 2002.

CARNEIRO, Maria C. de A. **O desenvolvimento da moralidade infantil**. Juiz de Fora: América Gráfica, 2005.

CARNEIRO, Maria Cristina C. de A. Cidadania: a educação do olhar. **Revista de Educação do Cogeime**, [S. l.], a. 14, n. 27, p. 33-41, dez. 2005.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CARVALHO, L. M. O.; CARVALHO, W. L. P. (Orgs.). **Formação de professores e questões sociocientíficas no ensino de ciências**. 1. ed. São Paulo: Escrituras, 2013.

CHAUI, M. Janela da alma, espelho do mundo. *In*: NOVAES, A. (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução de Sandra Mallmann da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRUZ, R. C. A educação ambiental como ferramenta para a sustentabilidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SAÚDE, 3., 2010, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

CURADO SILVA, K. A. P. C. A. de. Formação de professores na base nacional comum curricular. *In*: UCHOA, A. M. C.; LIMA, A. M.; SENA, I. P. F. S. (Orgs.). **Diálogos críticos: reformas educacionais: avanço ou precarização da educação pública?** vol. 2. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 102-122.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2000.

DANTAS, Eugênia Maria. **Educação-fotografia: impressões e sentidos**. Rio de Janeiro: Anped, 1999.

DONDIS, A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

EDEN, C.; HUXHAM, C. Pesquisa-ação no estudo das organizações. *In*: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais**. vol. 2. São Paulo: Atlas, 2001. p. 93-117.

FAZENDA, I. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. São Paulo: Papyrus, 1994.

FERRAZ, M. H.; FUSARI, M. F. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1991.

FERREIRA, E. A. **Educação ambiental: conceitos, história, desafios e tendências**. 1. ed. São

Paulo: Moderna, 2011.

FIORENTINI, Dario. **Investigação em educação matemática**: percursos teóricos e metodológicos. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

FIORENTINI, D.; SOUZA JR., A. J. de; MELO, G. F. A. de. Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos. *In*: GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. de A. (Orgs.). **Cartografia do trabalho docente**: professor(a)-pesquisador(a). 2. ed. Campinas: Mercado de Letras. 2011. p. 307- 335.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. O sentido político-pedagógico da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2003.

GADAMER, H. G. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2005.

GATTI, Bernardete Angelina; NUNES, Maria Muniz Rossa (Orgs.). **Formação de professores para o ensino fundamental**: estudo de currículo das licenciaturas em pedagogia, língua portuguesa, matemática e ciências biológicas. São Paulo: FCC, 2009.

GONZAGA, Glaucia Ribeiro; MIRANDA, Jean Carlos; SANTOS, Karen Mata. A fotografia como recurso didático. **Educação Pública**, Rio de Janeiro, s/p, 9 jan. 2018. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/1/a-fotografia-como-recurso-didtico>. Acesso em: (12/07/23)

JUSTO, Carmen Sílvia Sanches. **Os meninos fotógrafos e os educadores**: viver na rua e no Projeto Casa. São Paulo: UNESP, 2003.

LOURENÇO, Maria Luiza Pantoja Aquime. **Educação ambiental no espaço urbano de Belém-PA**: análise das atitudes pró-ambientais em uma escola municipal. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano) – Universidade da Amania, Belém, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MINAYO, C. de S. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. de S. (Org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 9-29.

MORAES, R; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva. 3.ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

MORAES, R; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo construído de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORALES, Angélica Góis. **A formação do profissional educador ambiental**: reflexões, possibilidades e constatações. 2. ed. Ponta Grossa: UEPG, 2012.

MOURA, A. C. O. S. **Sensibilização**: diferentes olhares em busca de significados. 2004. 101 p. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2004.

MORALES, Angélica Góis. **A formação do profissional educador ambiental**: reflexões, possibilidades e constatações. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. 203 p.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em psicologia. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 237-250, jul./dez. 2002.

OLIVEIRA, I. B. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DPetAlli, 2012.

PENTEADO, Cláudio Luiz de Oliveira. **Gestão ambiental empresarial**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010. RIZZATTI, Simone Aparecida. Mestrado profissional: um ensaio sobre a formação de profissionais no contexto universitário brasileiro. **Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas)**, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 293-311, maio/ago. 2004.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SANTOS, L. F. Educação ambiental e Amazônia: reflexões a partir do projeto “a natureza como escola”. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 62-78, jan./jun. 2016.

SAVIANI, D. Competências como objetos de ensino. *In*: GARCIA, L. S.; PEREIRA, M. A. (Orgs.), **Avaliação educacional**: desafios e perspectivas. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 49-62.

SILVA, M. G. da. Educação ambiental: a formação de sujeitos ecológicos. **Revista Científica Hermes**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 96-105, 2013.

TAYLOR, C. **As fontes do self**: a construção da identidade moderna. São Paulo: Loyola, 1997.

SANTOS, M. T.; SOUZA FILHO, E. B. de; RIBEIRO, E. O. R.; FREITAS, N. M. S. Cenas e cenários das questões socioambientais: mediações pela fotografia. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 49-65, 2014.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXOS

Fotografias utilizadas no processo formativo:

Fotografia 1 – Mudança de perspectiva.



Fonte: <https://www.clacso.org/a-pandemia-expos-de-forma-escancarada-a-desigualdade-social/>

Trata sobre como a pandemia expos de modo escancarado a questão da desigualdade social e que as maiores vítimas do COVID 19 foram os trabalhadores temporários, sub-remunerados, os que vivem de atividades informais, os desempregados e os sem tetos por habitarem nas áreas mais precárias das cidades brasileiras.

Fotografia 2 – Desmatamento: problema que atinge a todos.



Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/02/4984726-desmatamento-na-amazonia-aumentou-400-no-ultimo-ano.html>

Retrata sobre um novo alerta feito pelo Greenpeace Brasil, para o desmatamento da Amazônia, que bateu mais de um recorde em janeiro, quando houve um aumento acima de 400% na devastação, em comparação com o mesmo mês de 2021. Para a entidade, a destruição da maior floresta tropical do mundo “está fora do controle” diante da falta de fiscalização do bioma pelos órgãos federais.

Fotografia 3 – Fome: uma realidade que pode ser mudada.



Link de acesso: <https://noticias.r7.com/economia/fome-e-situacoes-de-extrema-pobreza-se-tornam-rotina-no-pais-06072022>

Retratado que para muitas pessoas é preciso ver cenas de brasileiros buscando comida no caminhão de lixo, para entender que a fome não é uma sensação rara e passageira para boa parte da população do país, mas uma realidade constante que se tornou ainda mais usual com a pandemia de covid-19. A pandemia não trouxe a fome, ela já existia, mas intensificou e evidenciou mais essa situação.

Fotografia 4 – Resistência.



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55032588>

Essa fotografia mostra como a educação brasileira acentua as desigualdades sociais e apaga os heróis da história do Brasil. A lei 10.639, sancionada em janeiro de 2003 no Brasil, tornou obrigatório no ensino fundamental e médio o estudo da história e cultura afrobrasileira. Ficou estabelecido que os alunos devem aprender a respeito da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra e o papel do negro na formação da sociedade nacional.

Esta seria a base de uma educação antirracista: valorizar a identidade e a trajetória dos diferentes povos que formam o país, em vez de tomar a visão do colonizador como a dominante. Neste sentido, a lei 11.645, de março de 2008, por sua vez, acrescentou à legislação a obrigatoriedade do ensino da cultura e história indígenas.

Ambas as leis alteraram, assim, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que regulamenta o sistema educacional público ou privado do Brasil da educação básica ao ensino superior. Mas, quase 18 anos depois de sancionada a primeira lei, os livros escolares ainda reduzem a história dos negros no país à época da escravidão, retratando-os como coadjuvantes passivos, incapazes de alterar o próprio destino.

Fotografia 5 – O lixo e a criança.



Fonte: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2013/11/02/no-recife-infancia-perdida-na-lama-e-no-lixo-103887.php>

Nessa reportagem retrata um grave problema socioambiental que traz enormes prejuízos aos gastos públicos e a saúde de crianças que se arriscam mergulhando no rio diariamente atrás do lixo para a sua sobrevivência.

Este rio fica no Canal Arruda, na Zona Norte de Recife e lá se encontra de tudo o que as pessoas decidem jogar descartar trazendo em períodos de chuva problemas ainda maiores.

Fotografia 6 – Desmatamento.



Fonte: https://observatorio3setor.org.br/wp-content/uploads/2022/08/AdobeStock_427656795-1024x683.jpeg

A reportagem sobre fotografia, aponta que o desmatamento da Amazônia já está interferindo no clima do planeta. O desmatamento contínuo da floresta Amazônica nos últimos 40 anos fez seu clima aumentar 1°C e diminuir em 36% as chuvas na região. Os reflexos do desmatamento da Amazônia e do aquecimento global levam cientistas a suspeitar que a floresta deixou de absorver para emitir dióxido de carbono (CO₂) — principal gás causador do efeito estufa, influenciando o clima do planeta. Eles chamam atenção para a “bomba-relógio” que está sendo armada com o avanço da degradação florestal.

Fotografia 7 – Poluição atmosférica.



Link de acesso: <https://portalautomulher.com.br/2019/06/06/veiculos-sao-os-maiores-causadores-de-poluicao-do-ar-em-centros-urbanos/>

No Dia Mundial do Meio Ambiente – 5 de junho – um alerta sobre a poluição do ar que está diretamente ligada aos meios de transporte. Para o Instituto de Energia e Meio Ambiente (IEMA) o tema no Brasil é um desafio. As principais fontes de emissão de poluentes nas regiões metropolitanas são os carros, ônibus, caminhões e motos. A falta de conhecimento sobre as fontes poluidoras também é outro desafio. Os dados sobre quais são as fontes, os poluentes e suas quantidades emitidas; quando essas emissões ocorrem são informações essenciais para qualquer medida de gestão do problema de poluição. Esses dados são compilados e apresentados em Inventários de Fontes Poluidoras do Ar, contudo há pouca informação disponibilizada.

Fotografia 8 – Poluição das águas.



Fonte: <https://adignidadediferenca.blogspot.pt/165115.html>

A fotografia dessa reportagem indica que a poluição consiste basicamente na introdução no meio ambiente de qualquer matéria, de qualquer energia, que altere as propriedades físicas, químicas ou biológicas desse meio ambiente; podendo afetar negativamente as espécies animais ou vegetais que dele dependam, que com ele mantenham contacto ou ainda que eventualmente produzam modificações físico-químicas nas espécies minerais presentes no meio. No que respeita designadamente à poluição marítima ela é definida como a introdução pelo homem – direta ou indiretamente – de substâncias ou energias no meio marítimo que resultam nos efeitos prejudiciais sobre os recursos vivos, sobre a vida humana, dificultam o exercício das atividades marítimas (como a pesca, por exemplo), e impedem a utilização da água (e não só) para os fins mais adequados e necessários. Por seu turno, relativamente à poluição derivada do plástico, a única solução visível é a gestão mais adequada e o controle rigoroso da atividade de transporte e armazenagem por parte da indústria petroquímica, evitando, desse modo, perdas prejuízos para a indústria e sobretudo para a globalidade dos mares e dos oceanos, enquadrando-se no princípio fundamental do desenvolvimento sustentável.

Fotografia 9 – Risco iminente.



Fonte: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/595630-ong-luta-para-salvar-o-ultimo-igarape-limpo-de-manaus>

Essa fotografia retrata que com uma população de mais de 2 milhões de habitantes, Manaus é a cidade mais populosa da Amazônia brasileira, cercada pela maior floresta tropical do mundo e conectada por afluentes do imponente Rio Amazonas. Antes usados para lazer, navegação e pesca, hoje quase todos os 150 igarapés da capital amazonense estão poluídos com lixo e outros rejeitos. Especialistas dizem que levará pelo menos 20 a 30 anos para que os cursos d'água se recuperem. Alguns, considerados “igarapés mortos”, dificilmente serão salvos, já que suas nascentes foram soterradas com lixo ou terra. Os igarapés poluídos também ameaçam os meios de sobrevivência, especialmente numa cidade que depende da água para muitas atividades de lazer.

Fotografia 10 – Pode sair algo bom do lixo?



Fonte: <https://racismoambiental.net.br/2016/01/22/as-criancas-leitoras-do-lixo-de-rio-doce/>

É retratado através de um simples clique das crianças sentadas em um sofá com os livros nas mãos já chamaria atenção pelo valor implicado no ato de ler, na sua capacidade de empoderamento, de mudança na visão de mundo. “A educação modela as almas e recria os corações. Ela é a alavanca das mudanças sociais”, disse Paulo Freire.

A imagem dessa matéria também revela o cotidiano das crianças e adolescentes que vivem na exclusão de espaços de garantia de direitos como por exemplo a escola. A educação de qualidade é dever do estado e direito de todos, os espaços de educação devem ser garantidos pelo poder municipal, coisa que não acontece na maioria dos municípios. A má gestão dos recursos públicos cada vez mais aprofunda a decadência das políticas públicas deixando milhares de pessoas a margem da sociedade, excluído do processo de cidadania.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa em andamento tem como responsável a Profª Adriana S. Carvalho da Costa, bem como sua orientadora, Profª Drª Elinete Raposo, do Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI) da Universidade Federal do Pará (UFPA). O tema da pesquisa é “**Educação do olhar: questões socioambientais na formação inicial do professor**”. Seguindo os preceitos éticos, informamos que sua participação será absolutamente sigilosa, o que implica a ocultação de nomes que possam identificá-lo(la) no relatório final em qualquer publicação posterior. Portanto, seu envolvimento não acarretará quaisquer danos a sua pessoa, família ou à instituição na qual estuda. Você tem total liberdade de recusa, assim como pode solicitar a exclusão dos seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalidade ou prejuízo, quando assim o desejar.

Agradecemos sua colaboração, enfatizando que a mesma em muito contribuirá para a sua formação e para a construção de um conhecimento atual nesta área.

Profª Drª Elinete Raposo
Orientadora da Pesquisa

Profª Adriana S. Carvalho da Costa
Pesquisadora

Eu, _____,
portador(a) do RG _____, compreendi os esclarecimentos
acima. E diante do exposto, concordo com a minha participação na pesquisa, na área
de educação, desenvolvida na escola.

Assinatura